

ESCOLA e FAMÍLIA GRANDES PARCEIRAS

Ana Lúcia Nascimento*

EDUCAÇÃO PRECOCE

Há pouco tempo tivemos uma campanha deflagrada em todo o País visando a maior participação da família no processo escolar.

Muitas vezes, tanto os aspectos educacionais quanto os acadêmicos são confundidos como sendo de responsabilidade exclusiva da escola.

Hoje, não temos mais dúvidas quanto à importância desta parceria na busca do objetivo comum que é o aluno.

Por outro lado, o desenvolvimento do ser humano, em todas suas dimensões, se dá em um processo contínuo.

Entre essas várias dimensões podemos destacar o desenvolvimento psíquico, que engloba a *afetividade, a cognição e a socialização*, começando no nascimento, com o *vínculo materno*, e terminando na fase adulta. Porém, a partir daí, ocorrendo a *maturidade psíquica*, o sujeito tem mais possibilidades de domínio do mundo.

Os três primeiros anos é um período decisivo. A criança, com a ajuda do adulto, passa a conhecer seu próprio corpo, formando o *eu corporal*, que inclui os afetos positivos e negativos que neste período terá de si mesma. Passa, também, a se localizar no mundo como uma pessoa autônoma, capaz de agir e interagir, ampliando cada vez mais seus conhecimentos.

Apoiado neste pensamento é que o trabalho pedagógico da Educação Precoce, no INES, vincula o atendimento da criança à presença constante do responsável, que se tornará o porta voz para toda a família, seus amigos e vizinhos.

Nesses anos, atuando diretamente com as famílias, vivenciamos algumas situações, que passam muitas vezes pela falta de esclarecimento, tanto no que diz respeito à educação de filhos, independente de ser surdo ou não, quanto à comunicação. Ambas interferem na relação da criança com a família e no processo de aprendizagem como um todo.

As situações que ora vamos apresentar passam pelo *limite, formação de hábitos; aquisição de habilidades, afetividade e a comunicação*; são reais, vivenciadas no dia-dia dos atendimentos pedagógicos.

* Professora do INES – Educação Precoce.

Especialização: *Estimulação Essencial e Desenvolvimento Infantil (UFRJ)*; o *Deficiente Auditivo (IBMR)*; *Psicopedagogia (Faculdade S. Judas Tadeu)*.

LIMITE

“ Será que meu filho entende quando digo *não*?”

“ Quando digo *não* aí é que ele faz mesmo!”

“ Só obedece ao pai .”

Fabrício não aceita as sugestões de atividades dadas e joga longe os brinquedos quando se aborrece.

Sua mãe diz que ele faz isto também em casa. Insiste naquilo que está fazendo quando ela chama sua atenção para não fazê-lo e somente obedece quando o pai chega e o repreende.

No caso de Fabrício, sua mãe tem uma postura ambígua: quando o repreende, se ele chora, o acaricia logo em seguida, como se quisesse provar o seu amor; quando diz *não*, sua expressão facial transmite um *sim*, numa comunicação inadequada, e Fabrício faz um jogo com ela, não aceitando suas ordens, transferindo esta postura para outras situações, inclusive na escola.

Esta criança não aceita os limites impostos de forma alguma, até nos atendimentos, mesmo existindo uma certa flexibilidade, e, por ser criança, não está livre para fazer somente aquilo que quer. São as primeiras regras da vida.

Este exemplo também tem o *jogo do poder*, quer nessa fase, a criança procura exercer sobre o adulto. A orientação dada por nós é que o adulto precisa estar atento a esse fato, pois se ceder sempre, a criança não entenderá que existem limites e, se usar a autoridade de adulto sempre, ela se tornará insegura, esperando que um outro dite as regras, sendo incapaz de gerenciar a própria vida, levando esta postura para a vida adulta.

Temos que lembrar que nesse período o *equilíbrio psíquico* vai se formando através do *sim / não; querer / não querer; gostar / não gostar*. Com amor, paciência e persistência, o responsável estará permitindo que a criança conheça os limites e perceba o grau de afetividade nas situações de repreensão e cuidados, onde será transmitido para ela o quanto é amada ou não.

FORMAÇÃO DE HÁBITOS

“ Ela só toma leite na mamadeira. Não quer no copo.”

“ Ela só avisa depois que faz *xixi e cocô*. Por isto ainda está de fraldas.”

Renata tem dois anos e meio. É uma criança muito esperta, com um desenvolvimento motor compatível com sua idade.

Quando a mãe traz essas questões, mostramos para ela que toda criança passa por etapas do desenvolvimento infantil, com uma maturação neurológica, e que sua filha está pronta para adquirir mais este conhecimento, bastando que para isto seja estimulada, com sua ajuda. E a orientamos para que, no caso da mamadeira, evite ao máximo seu uso, substituindo-a pelo copo, porque a criança já é capaz de beber líquidos desta forma, utilizando-o corretamente. No caso das fraldas, esse período

ainda é o de transição, ou seja, algumas crianças não conseguem perceber exatamente o que está acontecendo em seu corpo, não podendo antecipar o ato; por isto somente avisam depois do ocorrido. Isto é normal, porém a mãe deve estar atenta e chamar a atenção da criança, com carinho, para o fato.

O controle dos esfíncteres é aprendido, ou seja, vai ocorrer através da maturação neurológica, mas, também, é necessário que alguém ensine. Além disso, é um fato cultural. Na nossa cultura, menino faz xixi em pé e menina, sentada. Nas cidades, usa-se o banheiro, que foi designado pela sociedade como o local apropriado. Nesse caso, o modelo é necessário e a criança vai aprender por imitação.

AQUISIÇÃO DE HABILIDADES

“ Não deixo pegar lápis em casa porque rabisca as paredes.”

Cátia tem dois anos. Nunca pegou um lápis de cor. Agora, nos atendimentos, começou a ter contato com esse material.

Orientamos a mãe no sentido de que a criança precisa experimentá-lo. As cores são uma grande atração e o próprio domínio do corpo está em jogo. Ela percebe as várias possibilidades de pegar, colocá-lo na boca, experimentar a pressão exercida no material, podendo ser com força ou levemente, e ter domínio dos movimentos, que de início são as batidas (pontinhos), depois o vaivém (rabiscação), para em seguida virem as bolinhas (células).

Quanto às paredes, falamos para a mãe colocar um papel bem grande e resistente, orientando a criança nesta atividade. De início vai insistir nas paredes, mas depois irá para o papel. E não deixar de oferecer este material, que é rico em experiências, com conseqüências muito grandes para a escrita, que, mesmo sendo um passo adiante, não deixa de ser um dos nossos objetivos, e esse é o momento ideal para começar nesta atividade.





As situações que envolvem o desenvolvimento da criança no processo escolar, mas que pertencem a outras áreas, tais como a psicologia (terapia do indivíduo ou do casal), área social ou médica, são observadas e encaminhadas para o profissional em questão, pois o apoio deste vai permitir que a criança caminhe com mais equilíbrio no processo de aquisição de conhecimento.

Para concluir, podemos dizer que o mais marcante, ao término desse período, é o fato de a maioria das famílias " agradecerem " por ter podido " compreender " seus filhos. Muitas vezes elas dizem : " agora eu aprendi a cuidar de meu filho. "

Isto nos faz entender que um dos objetivos da Educação Precoce é a retomada do *vínculo materno* que ou nunca se fez ou foi rompido em algum momento da vida da criança, comprometendo seu desenvolvimento global e, conseqüentemente, sua relação com a família e todas as formas de convívio social.

A família precisa entender sua importância dentro do processo escolar, e quando isto acontece, a criança, se desenvolve com muito mais facilidade, superando muitas barreiras decorrentes da falta de comunicação:

"É agressiva! Coitadinha ! É surda!"

(muitas vezes falta limite)

"As crianças não querem brincar com ela."

(a própria mãe não senta para brincar com ela)

É a própria família derruba os muros do *pré-conceito* existente em relação à criança surda.